

De Pandemia e de Racismo: o caos sistêmico

Já basta! Não Consigo Respirar

Dois fenômenos que nos toca viver no momento, o da pandemia do novo coronavírus e as repercussões do assassinato racista de George Floyd, tomaram a magnitude que tomaram por razões muito profundas, que nos remetem a um tempo de larga duração que nos habita. Tanto a pandemia como o racismo nos remetem à constituição do sistema mundo capitalista moderno colonial patriarcal cuja data de nascimento é 1492. Aliás, como os povos indígenas nos lembraram em 1992, quando todos os chefes de estado do mundo se reuniam no Rio de Janeiro na CNUMAD. Ali, os povos indígenas nos alertaram que para entender o colapso ambiental que nos convocava a todos no Rio de Janeiro haveríamos de tomar em conta um tempo de larga duração: 1492-1992. E, assim, nos convidavam a uma reflexão que a imposição de um padrão de poder e de saber colonial juntava exploração do trabalho, devastação ambiental (ecocídio) e epistemicídio, haja vista que a colonização, em si mesma, implica a negação do outro, a negação da diferença, haja vista que ninguém coloniza quem é igual: a colonização implica que o ser colonizado seja visto como inferior. Como nos ensinara Franz Fanon se instaurava, assim, o mundo do ser e do não-ser. A ideia de raça, como diria Aníbal Quijano, estrutura o sistema mundo capitalista moderno-colonial e patriarcal. Sublinhe-se, estrutura como verbo e não como um substantivo tão caro ao estruturalismo, para honrar o grande mestre peruano.

A pandemia do novo coronavírus expõe a soberba do homem por um vírus ao por em xeque a arrogância do antropocentrismo que havia expulsado os deuses da terra para os céus, ao contrário do que dizem as matrizes de racionalidades outras que não as ocidentais, em que os deuses habitam nosso mesmo mundo mundano. Afinal, o mito moderno da dominação da natureza, tal como formulara Francis Bacon, implicava expulsar os deuses da terra, fazer da terra uma coisa, haja vista que povoada por deuses tornava-se impossível a sua dominação. Afinal, como dominar os deuses? A natureza assim transformada em objeto, dessacralizada, poderia, enfim, ser dominada. Assim, passou-se de muitos antropomorfismos para um antropocentrismo. E não um antropocentrismo qualquer. Dominar a natureza não é para os homens em geral, mas para um homem varão, masculino, como, aliás, Bacon foi explícito o falar da masculinidade necessária do conhecimento que haveria de dominar a natureza. Assim, metade da espécie humana, as mulheres, já estariam fora do antropocentrismo. Deste modo, nasceria uma ciência da dominação, patriarcal. Esse homem que haveria de dominar a natureza era não um homem negro, ou indígena, pele vermelha ou amarelo asiático. Era um homem branco europeu e, assim, o antropocentrismo é racista, assim como a ciência nasce sem a contribuição do conhecimento de outras cores, de outros mundos. Epistemicídio.

E não só é varão e branco esse antropocentrismo, mas também do homem proprietário privado haja vista que a propriedade privada priva quem não é proprietário das condições metabólicas de produção/reprodução da vida. Esse homem varão, branco e proprietário é o burguês que transforma a riqueza num equivalente geral abstrato, o dinheiro, que passa a mover o mundo. Assim, a eficácia da tecnociência que Francis Bacon já antevira em pleno século XVI, deveria mediar a dominação da natureza para transformar riquezas qualitativas, essas que desfrutamos e que é o cerne do conceito de riqueza, em uma cifra, um cifrão. Assim, a dominação da natureza, esse mito fundante da modernidade colonial capitalista, se vê submetida ao ilimitado. Robert Triffin, o economista liberal, haveria de dizer que a economia não tem nada a dizer sobre a riqueza, haja vista que seu conceito fundamental é o seu contrário: a escassez. Afinal, o que abunda não se vende. A escassez é a condição da mercantilização generalizada e não só por seus fundamentos epistêmicos, mas pela propriedade privada que ao privar cria a escassez por todo

lado. E submete os dominados, isto é, a natureza e todos aqueles que a ela são assimilados que seriam dominados não por razões históricas e políticas, mas por natureza: a mulher, o negro, o índio, o que trabalha com as mãos diante daquele que trabalha com a mente, o trabalho braçal deve se submete, naturalmente, ao trabalho intelectual, o corpo à mente, o sensível ao racional.

O colapso ambiental que hoje vivenciamos, e que a atual pandemia explicita, é a expressão não do fracasso do nosso conhecimento científico fundado no antropocentrismo varão, branco e burguês que mercantiliza tudo, mas sim do êxito dessa dominação que se volta contra o dominador que nunca fora apartado da natureza como o coronavírus alerta.

Assim, não estamos simplesmente diante de uma crise de paradigma, embora o seja de certa forma. Os paradigmas, sabemos, não caem dos céus. Como nos ensinara Cornelius Castoriadis, os paradigmas são instituídos por grupos/classes sociais através de processos instituintes e se os paradigmas estão em crise é porque estão em crise os grupos/classes sociais que os instituíram.

É isso que estão nos dizendo o vírus e todos os grupos sociais que se sensibilizaram com o assassinato racista de George Floyd. E todos e todas que foram assimilados à natureza e calados e caladas e que, agora, gritam. E a dor, sabemos, é a primeira condição para a cura. Por isso, gritam e não se deixam sufocar. Esse foi o grito de George Floyd e, por isso, calou fundo em todo o mundo. Morreu no lembrando que já basta! Que não nos deixemos sufocar nos reinventando, nos mobilizando.

As diversas iniciativas de barreiras sanitárias de autoproteção de pescadores, de indígenas, de habitantes das periferias urbanas, indicam que é nos territórios que haveremos de nos reapropriar das condições metabólicas de reprodução da vida. E que de cada território reinventemos o mundo como nesse momento rompemos o isolamento social, ainda que respeitando o vírus que nos espreita. Trata-se de uma transição de larga duração, mas como diz o provérbio chinês “toda longa caminhada começa com o primeiro passo”.